

O contributo do Centro Artístico Infantil da Fundação Calouste Gulbenkian para a Educação Artística em Portugal

Dora Pacheco

Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico da Lisboa

dp223e@gmail.com

Resumo

O artigo que aqui se propõe tem como objetivo dar conhecer o contributo do Centro Artístico Infantil (CAI) da Fundação Calouste Gulbenkian para a Educação Artística em Portugal. As ações e dinâmicas do Centro foram reconstituídas através de análise documental e da realização de entrevistas a alguns elementos que integraram a equipa.

O Centro surgiu em 1984, inserido no Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte – ACARTE, por iniciativa de Madalena Perdigão, com o apoio de Natália Pais, coordenadora do Centro ao longo de 18 anos de funcionamento. As suas ações de carácter sensibilizador, informativo e formativo foram marcadas, inicialmente, pelos estudos e intervenções no campo da Educação pela Arte, abrangendo, posteriormente, a Arte/Educação e Educação Estética e Artística. Realizaram formações de carácter global ou específico no campo das artes e da educação para adultos, envolvendo docentes de todos os graus de ensino. O CAI estabeleceu-se como um espaço de experiência e reflexão nos campos da Arte e da Educação.

Passados 30 anos da inauguração do CAI, pensamos ser fundamental para a compreensão da história da educação artística nacional a partilha deste estudo, com a esperança de que possa vir a despoletar novas abordagens sobre um espaço que foi uma *escola nacional* e refletiu as transformações no campo da educação artística ao longo das últimas décadas do século XX, deixando um forte legado para o século XXI.

Palavras-chave: Centro Artístico Infantil da Fundação Calouste Gulbenkian; Educação Artística; Formação de Adultos.

Abstract

This article aims at highlighting the key role played by the Children's Art Centre (CAI) of Calouste Gulbenkian's Foundation in Art Education in Portugal. By analysing primary sources

and interviews conducted with a few elements of the team, we shed light on the programme of actions and dynamics of CAI.

CAI was set up in 1984 within ACARTE – Service of Animation, Artistic Creation and Education through Art. The initiative was taken by Madalena Perdigão, with the support of Natália Pais, who coordinated the Centre during its 18 years of existence. At the outset of the project, the activities of awareness, information and training took into account studies and actions in the field of Education through Art. Later, Art / Education and Aesthetic and Artistic Education were also considered. CAI offered general and specific courses in the Arts and in Adult Education, involving teachers of any level of education. CAI established itself in the fields of Arts and Education as a unique space for experience and discussion.

Three decades after the start-up of CAI, we reckon this case study is fundamental to understanding the history of Art Education in Portugal. Moreover, we hope it becomes a starting point for new researches on what may be considered a *national school* that has reflected the changes in the field of Art Education over the last decades of the twentieth century, leaving a major legacy for the twenty-first century.

Keywords: Children's Art Centre of the Calouste Gulbenkian Foundation; Education through Art; Adult Training.

O contributo do Centro Artístico Infantil da Fundação Calouste Gulbenkian para a Educação Artística em Portugal

«Uma verdadeira escola sem paredes.»
Elisa Marques⁴⁰, 2014

O estudo que realizámos sobre o Centro Artístico Infantil (CAI) da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) veio contribuir para um alargamento do conhecimento da atividade desenvolvida por este organismo ao longo dos seus dezoito anos de existência e do entendimento do seu contributo para a Educação Artística em Portugal⁴¹. Pela disseminação de modelos de intervenção que a formação proporciona, foi dada relevância à formação de adultos, entendidos como veículos transmissores de conhecimentos e de práticas realizadas em contextos formais e não formais.

Com o objetivo de destacar e patentear a importância que o CAI da FCG teve no panorama artístico e educacional, ao longo das duas últimas décadas do século XX, foi elaborada uma reconstituição da sua estrutura e das suas ações, possível através da recolha de documentação

⁴⁰ Elisa Marques, doutoranda em Ciências da Educação – Especialidade em Educação e Desenvolvimento pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, é autora de vários artigos e publicações no domínio da Educação e da Arte, co-autora do “Primeiro Olhar” Programa Integrado de Artes Visuais da FCG, formadora durante vários anos no Centro Artístico Infantil da FCG nas áreas da Pedagogia e da Arte. Foi investigadora do grupo “Investigação e Desenvolvimento Estético” na FCG. Chefe de equipa de Educação Artística da Direção Geral de Educação.

⁴¹ Além do estudo realizado por Elisa Marques em 1992, intitulado «Políticas e Estratégias de Formação de Adultos – O papel do Centro Artístico Infantil da Fundação Calouste Gulbenkian» e ao qual não tivemos acesso, não foram produzidos quaisquer estudos sobre o Centro Artístico. O arquivo do CAI encontra-se inacessível, por inventariar.

dispersa e de testemunhos. Abordámos a forma como as ações do Centro foram influenciadas pelos paradigmas da Educação pela Arte, Arte-Educação e pela Educação Estética e Artística.

Paradigmas em Arte e Educação- Breve contextualização

No período pós 2ª Guerra Mundial o movimento de auto expressão criativa ganha força, estando a Educação artística ligada à expressão, libertação, imaginação e fantasia, exteriorizada através de atividades onde as produções são um modo de libertar sentimentos (Acaso, 2009). Inserida neste movimento, a proposta de Educação pela Arte de Herbert Read (1893-1968) confronta um sistema educativo que incidia excessivamente sobre o intelecto e sobre a moral denominada por normas atingindo a integridade e harmonia do ser Humano (Agirre, 2005). Esta necessidade de libertação viria a marcar fortemente a Educação Artística no nosso país e consequentemente as ações do CAI, como veremos mais adiante.

A construção e o aparecimento dos modelos disciplinares em educação artística, revendo as metodologias abertas e auto expressivas, inicia-se nos anos 60 do século XX. Com o impulso do psicólogo americano Jerome Bruner, surge o primeiro currículo planificado para o ensino da linguagem visual, tornando o currículo das Artes possível de ser organizado como disciplina (Acaso, 2009). Igualmente nos anos 60, o projeto Zero na Harvard School of Education, fundado por Nelson Goodman (1906-1998), propõe melhorar a qualidade da Educação Artística na sociedade americana, investigando processos de conhecimento e no seu desenvolvimento. Um dos diretores do projeto, Howard Gardner, apresenta um estudo que rompe com o conceito unitário e linear de inteligência, olhando a educação artística como promotora do desenvolvimento de outras capacidades cognitivas diferentes das alfanuméricas (Agirre, 2005).

Das propostas de Gardner surge em 1985 o modelo Arts Propel, tendo como base a produção de instrumentos de avaliação no âmbito da arte. Os objetivos para a Educação Artística centram-se em três eixos, que definem três tipos de competências: a produção, a percepção e a reflexão, abrangendo três modalidades artísticas: a música, as artes visuais e a escrita imaginativa (Fróis, 2005)⁴².

O modelo educativo americano *Discipline Based Art Education (DBAE)*, com raízes nos anos sessenta, só 20 anos depois ganha implementação e força nos EUA. O seu modelo pretende introduzir o estudo da arte através de quatro disciplinas de base, que além da criação fomenta a interpretação da Arte e da obra de arte, sendo elas: História da Arte, Crítica da Arte, Estética e Produção Artística (Fróis, 2005).

⁴² Destacamos ainda os trabalhos de Michael Parsons sobre a compreensão da obra de arte (pintura) pelos sujeitos, definindo estádios de desenvolvimento na 2ª metade dos anos 80 do século XX, importantes para o desenvolvimento de metodologias e programas educativos em escolas, museus ou espaços culturais promovendo as artes na educação. Seguindo-se os trabalhos do investigador ligado ao projeto Zero David Perkins sobre metodologia de apreciação da obra de arte, em inícios dos anos 90, e do modelo educativo Visual Thinking Strategies (VTS) desenvolvido na prática do Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MOMA), em que a psicóloga cognitiva Abigail Housen e o diretor educativo museus Philip Yenawine desenvolveram um método de avaliação do desenvolvimento estético dos indivíduos (Acaso, 2009).

No Brasil, Ana Mae Barbosa, procurando respostas similares à importância excessiva dada à auto expressão no seu país através do movimento das “Escolinhas do Brasil”, lança no início dos anos 80 um trabalho a partir da proposta americana DBAE, denominada “proposta triangular”, onde conjuga a história da arte com a leitura da obra de arte e o trabalho prático (Barbosa, 1989). Os inúmeros contactos que o CAI estabelece com o Brasil trazem essa influência para as suas práticas que conjuga com as das Educação pela Arte.

Nos anos 90, O CAI envia membros da sua equipa para formação no Curso DBAE nos EUA, participando no Programa Gulbenkian Investigação e Desenvolvimento Estético ligado às ações educativas da Fundação Calouste Gulbenkian, desenvolvido entre 1997 e 2000. Este programa, designado de IDE, promove uma nova compreensão das Artes Visuais, materializando estratégias em contextos educacionais formais e não formais onde a obra de arte tem um papel central (Fróis, 2005).

As origens do Centro Artístico Infantil

O Centro Artístico Infantil da FCG foi criado, em 1984, por Madalena Perdigão (1923-1989) e coordenado por Natália Pais ao longo dos seus dezoito anos de funcionamento. Segundo Natália Pais, as origens do CAI remontam às décadas de 1950 e 1960, quando a FCG promovia iniciativas de intervenção educativa e cultural. Entre 1957 e 1967, a FCG procurou criar e promover serviços onde se implementassem novas formas de intervir no âmbito educativo e cultural, tais como Bibliotecas Itinerantes, Bolsas de Estudo, Cursos de Iniciação Artística, de Educação e Didática Musical, surgindo a ideia de criar um Centro de Monitores de Ensino Artístico Infantil. Nos vinte anos que se seguiram, o CAI começa a ser um espaço desejado e congregam-se as pessoas que mais tarde viriam aí a trabalhar (Pais, 1992).

Segundo Arquimedes Santos (2000), a instituição pela FCG do Serviço de Música, em finais dos anos 50, e do Centro de Investigação Pedagógica da (CIP) da década seguinte, tiveram um papel relevante no incentivo ou criação de processos inovadores e renovadores de eventos de cultura artística, nas inquietações educacionais e na investigação científica. O primeiro introduziu, em Portugal, métodos de ensino modernos na iniciação musical com cursos de verão, e o segundo proporcionou formação na área das Ciências da Educação, englobando Pedagogia, Psicologia, Filosofia e História da Educação. As experiências e ideias retidas nessas experiências serão passadas para o Centro Artístico Infantil, envolvendo professores que por ali lecionaram. Anos mais tarde, alguns destes professores viriam a estar ligados, inclusivamente, à Escola Superior de Educação pela Arte e às Equipas de Intervenção Artística (EIA) integradas no Ministério da Educação (Santos, 2000).

As EIA foram criadas, em 1983, como um «projeto experimental de apoio às áreas da expressão» regulamentado pela Direcção-Geral do Ensino Básico, dando apoio a escolas do Ensino Básico e a professores do 1.º Ciclo e trabalhando em colaboração com o CAI (Pais & Correia, 1996). Nos anos de 1990, essas equipas foram assumidas como um recurso para a implementação da prática da Expressão e Educação Musical, Dramática e Plástica nas escolas do Pré-Escolar e 1.º Ciclo. As EIA eram formadas por educadores de infância e professores com formação especializada nas áreas da música, teatro, artes plásticas, cuja intervenção assentava nos princípios do movimento de educação pela arte (Ferraz & Silva, 2000). A insuficiente formação inicial e contínua dos professores nas áreas das expressões artísticas e a

desvalorização no desenvolvimento global da criança são os dois aspetos apresentados no relatório das EIA em finais dos anos de 1990 (Ferraz & Silva, 2000).

Em 1984, Madalena Perdigão, que tinha dirigido entre 1958 e 1974 o Serviço de Música da FCG, regressa à Fundação como diretora do Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte (ACARTE), um serviço complementar do Centro de Arte Moderna onde o CAI esteve inicialmente inserido. Esse Serviço, cuja própria designação indica a sua orientação no campo da educação artística, era destinado a promover atividades culturais nos mais diversos campos, possuindo independência de aquisição de obras e de realização de atividades culturais.

O ACARTE foi um espaço aberto ao experimentalismo e à inovação, contribuindo para o desenvolvimento da criatividade em crianças e adultos, para o progresso da educação pela arte e do crescimento da criação artística em Portugal (FCG & CAM, 1985). As suas atividades culturais em diversos campos não privilegiavam escolas ou correntes, nem géneros artísticos ou formas de expressão, fomentavam colaborações que permitissem criações de obras multidisciplinares entre a instituição e criadores da área da música, artes plásticas, dança, teatro (FCG, 1985). É neste contexto de diversidade e de pluridisciplinaridade que o CAI surge, estando aberto a influências e a novos paradigmas em arte e educação referidos anteriormente.

O Centro Artístico Infantil: caracterização

O Centro Artístico Infantil da FCG, criado em 1984, surge, como referimos, inserido no ACARTE sob a direção de Madalena Perdigão (Gomes, 2003). A coordenação do CAI ficou a cargo de Natália Pais, durante as quase duas décadas de funcionamento. Instalado no jardim Gulbenkian, o edifício traçado pelo arquiteto britânico Leslie Martin, tinha como função, segundo as palavras do mesmo, «receber as crianças das escolas permitindo o seu desenvolvimento imaginativo»⁴³ (Martin, 1986, p. 78).

Como objetivo geral, o CAI pretendeu demonstrar a possibilidade de articular conceitos básicos de Educação, Arte e Cultura com modelos pedagógicos inovadores e com processos de intervenção sociocultural integrada (Martins, s.d.). Em 1992, a Coordenadora Natália Pais caracterizou o CAI da seguinte forma:

- Um espaço privilegiado de encontro entre artistas e pedagogos, alunos e professores, pais e filhos, amadores e profissionais dos vários domínios da Educação, das expressões Artísticas e Poéticas, da Animação e da Educação Cultural.
- Um local apropriado ao lançamento de propostas inovadoras e dinâmicas, favorável à troca de vivências e ao intercâmbio de experiências realizadas no País e no estrangeiro.
- Um sítio onde muitas pessoas vão procurar sugestões e respostas para dúvidas lançadas pela remodelação dos programas escolares, pela introdução de novas metodologias de ensino, pela necessidade de valorizar as linguagens expressivas e de participar numa política cultural aberta, dinâmica e diversificada. (Pais, 1992, p. 121)

⁴³ Este espaço foi reabilitado em 2013, passando a ser a Esplanada do Jardim, Centro Interpretativo Gonçalo Ribeiro Telles.

O CAI disponibilizava ações de caráter formativo específico e continuado para pequenos grupos de alunos e educadores. Propunha fomentar, nas crianças e nos educadores, o interesse pelas atividades de expressão artística e a participação criativa em manifestações de caráter socioeducativo e cultural. No primeiro ano de funcionamento, abriu ateliês e uma exposição temática para crianças e o Serviço de Educação organizou um curso para monitores de ludoteca em colaboração com o CAI/FCG e o Instituto de Apoio à Criança (IAC). Em 1985, mais de doze mil crianças participaram nas exposições, ludoteca, ateliês abertos e espetáculos e mais de 2500 adultos estiveram envolvidos em ações de formação, de informação e em visitas (FCG, 1985; FCG, 1986).

Equipa e estrutura do CAI

O CAI envolvia uma ampla estrutura interligada, suportada por uma equipa fixa e a colaboração de especialistas externos de diversas áreas sob a direção inicial e coordenação mencionadas anteriormente. Da equipa permanente inicial faziam ainda parte uma educadora, uma assistente social, um projetista/técnico de museografia. Esta equipa planeava, produzia e executava atividades, visitas a exposições temáticas, conceção, dinamização e montagem de ateliês, espaços lúdicos e exposições. A equipa de educadores artísticos abrangia, inicialmente, a música, as artes plásticas e o teatro.

A estrutura do CAI envolvia a ludoteca, exposições, animações e espetáculos, ateliês para crianças, pais e filhos, formação de adultos, apoio e colaboração com instituições exteriores à FCG e colaboração com os serviços da mesma. Fez-se ainda representar em inúmeros colóquios e conferências de âmbito nacional e internacional, concebeu documentos de apoio a professores e publicações sobre as suas ações (Martins, 2014).

Ludoteca

Nos meses de verão, o CAI transformava-se em Ludoteca. As crianças podiam participar, gratuitamente e em livre escolha, nas atividades de expressão artística, sendo que aos adultos era facultada orientação ao nível do jogo e do seu papel no desenvolvimento infantil (Martins, s.d.). Considerando que os Espaços de educação não formal escasseavam em Portugal aquando da sua abertura o CAI desenvolveu e divulgou um importante trabalho na promoção e valorização do papel do jogo e do brinquedo na defesa da importância que o brincar tem na vida das crianças (Pais, 1997).

Exposições temáticas

O CAI realizou, desde o início, exposições temáticas de caráter anual ou temporário com objetivos sensibilizadores. Funcionavam como polos dinamizadores, promovendo a articulação entre ações dentro e fora do Centro e apostando na itinerância pelo país (FCG, 1987). As temáticas escolhidas, essencialmente orientadas para as artes e para a informação histórica ou cultural, variavam de acordo com o que se passava na FCG, no ACARTE ou com acontecimentos nacionais. Facultavam-se textos de apoio a essas exposições anuais que, juntamente com documentação base, eram disponibilizados aos professores e a todos os interessados.

Estes documentos auxiliavam professores em diversas áreas de exploração posterior à visita com os seus alunos. Eram textos nas áreas da psicopedagogia, de caráter científico, histórico,

cultural, artístico ou literário, com bibliografia de referência e que se estendiam à seleção de textos fornecida pelo sector de animação do livro (Ferrão et al., 1999).

Os responsáveis pelas atividades de expressão artística estavam envolvidos na estrutura e dinâmica do projeto das exposições (FCG, 1987), o que lhes permitia integrar elementos relevantes em função das crianças e dos monitores que frequentavam os cursos do CAI. Estabeleciam, igualmente, contactos com instituições e pessoas que desenvolvessem ações de caráter cultural, artístico ou educacional, e as Equipas de Intervenção Artística realizavam atividades em escolas a partir da visita a estas exposições (Martins, 2014, Anexo VI, p. 153⁴⁴). Foram traçados os seguintes objetivos para as Exposições Temáticas:

- Facultar novas formas de evocação e informação sobre temas de significado cultural, artístico e histórico.
- Procurar que essas formas de contacto consigam de modo expressivo: sensibilizar, informar e motivar para uma participação criativa.
- Relacionar os temas abordados com linhas de ação desenvolvidas e praticadas nos ateliês.
- Situar os temas abordados numa perspetiva que respeite os aspetos: sociais, históricos, científicos, estéticos, técnicos, culturais (Martins, s.d., p. 8).

Para a execução desses objetivos foram criados ambientes sugestivos do real e do imaginário nos quais o acompanhamento feito por monitores, animadores, coordenadores de ateliês ou educadores com formação específica promovia a exploração diversificada de situações e materiais. Como metodologia geral, fomentavam a observação direta de locais, objetos e ambientes, a interpretação sugerida e motivada e uma participação experimental e criativa. Ao longo da exposição eram desenvolvidas ações complementares como exposições e divulgação dos trabalhos realizados, encontros com educadores e acompanhamento dos seus projetos, bem como a divulgação de documentação alusiva ao tema e a realização de ateliês abertos (Martins, 2014, Anexos I e XII).

Após 1986, foi iniciada a elaboração dos Cadernos das Exposições, nos quais se expunham o projeto anual, reflexões, documentação de apoio fornecida a professores, testemunhos das dinamizações realizadas e as opiniões das crianças sobre a sua participação (Martins, 2014, Anexos V, VI e VII). Tivemos acesso a três desses cadernos: *Cidade Real, Cidade Imaginária* (1985/86), *O Som e o Silêncio* (1986/87) e *Da Galeria à Poesia* (2000/2001).

No percurso da última exposição do CAI, intitulada *Da Galeria à Poesia*, são claramente abordados os conteúdos plásticos e literários e estabelecidas pontes entre a linguagem das artes plásticas e da poesia (Martins, 2014, Anexo VII). Embora as exposições anteriores proporcionassem um contacto com as linguagens específicas das artes, esta exposição foi manifestamente construída a partir da obra de arte. A integração do CAI no Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão facilitou o acesso às obras de arte portuguesa da FCG, incluindo autores representativos das últimas décadas do século XX. (Martins, 2014, Anexo VII).

⁴⁴ Martins, 2014, Anexo VI, p. 153. Os Anexos da nossa Dissertação de Mestrado, intitulada *Centro Artístico Infantil da Fundação Calouste Gulbenkian Contributo para a Educação Artística em Portugal*, podem ser consultados presencialmente na Biblioteca da Escola Superior de Educação de Lisboa / Instituto Politécnico de Lisboa.

Ateliês para crianças

O «Centrinho», nome pelo qual era conhecido o CAI, disponibilizava às crianças ações de sensibilização e de formação de caráter global e específico. Os ateliês podiam ser de continuidade, realizados ao longo do ano letivo, ou abertos e experimentais de curta duração, sendo que alguns destes últimos decorriam aos fins-de-semana abrindo a possibilidade de acompanhamento das crianças pelos pais.

Estes ateliês funcionavam como espaços de experimentação de propostas de intervenção pedagógica apresentadas por educadores de diversas áreas de formação e ainda não experimentadas no CAI (FCG, 1985). Realizavam-se, igualmente, oficinas de curta duração ligadas a propostas dos alunos dos cursos para adultos, abrangendo de forma geral ou particular as várias modalidades de expressão artística (FCG, 1998).

Os ateliês de continuidade eram frequentados por crianças em horário escolar de jardins-de-infância e de escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, ATL's e por crianças cujos pais se encontravam de visita à FCG. Embora o «Centrinho» não dispusesse de um programa para crianças com Necessidades Educativas Especiais, preparava-se um ateliê ou uma visita adaptada à exposição. Aos fins-de-semana, desenvolviam-se atividades de sensibilização para visitantes (Martins, 2014, Anexo VIII; Ferrão, 1999).

Os ateliês anuais, também designados de artísticos, envolveram as áreas da Expressão Plástica, Musical, Dramática e de Animação do Livro, às quais se foram juntando outras ao longo do tempo: Expressão Poética, Criatividade e o Computador em 1996. Em 2001, passaram a contemplar a área da Expressão Plástica com Metodologia IDE, Dramática (FCG, 2001). As atividades desenvolvidas nesses ateliês relacionavam-se com o trabalho desenvolvido na formação de adultos, relação explícita ao longo de diversos Relatórios Anuais da FCG. No relatório de 2001, por exemplo, conclui-se que esses ateliês «permitiram a aplicação prática das metodologias lecionadas na formação de adultos e possibilitaram o contacto direto com crianças de níveis etários e escolares diferenciados» (FCG, 2001, p. 73).

No que respeita ao «Percurso do Olhar» - Programa Integrado de Artes Visuais, este surgiu no âmbito dos ateliês de continuidade de Expressão Plástica do CAI, numa ação educativa que envolveu pais e filhos e que o «Centrinho» já organizava desde 1993 para pais de crianças que frequentavam alguns ateliês com o nome de «Encontros de Pais». Era um espaço para analisar e debater temáticas importantes relacionadas com a educação dos seus filhos e para consolidar relações com a instituição, recorrendo a diversas modalidades formativas e acentuando a participação em programas de formação. Natália Pais apostou na dinamização de um espaço formativo introduzindo, ao fim de semana, o Programa Integrado de Artes Visuais – Primeiro Olhar (Gonçalves et. al., 2000).

Formação de adultos

Modelos de Intervenção

Os diversos Relatórios Anuais da FCG entre 1984 e 2002 apresentam o CAI como um espaço que desenvolveu atividades no âmbito da educação pela arte, arte-educação, educação estética, educação artística/cultural e animação cultural.

Em entrevista concedida em 2014, Natália Pais esclarece que houve a influência e a introdução de metodologias diferentes daquela inicial ligada ao movimento de educação pela arte, como as sugeridas pela «proposta triangular» de Ana Mae Barbosa, fruto dos contactos entre o CAI e o Brasil, e pelo Programa Gulbenkian Investigação e Desenvolvimento Estético (IDE). O Programa IDE, em particular, decorreu entre 1997 e 2000, associado às ações educativas diretas da FCG e ao qual estiveram ligados elementos do CAI⁴⁵. Não tendo rompido com Educação pela Arte pela qual se pautava inicialmente, o CAI permitiu a integração de outros modelos no campo da Educação Artística.

O CAI tornou-se, assim, num local onde coabitaram diversos modelos de Educação Artística, sem rutura, e alcançou ser, segundo as palavras de Natália Pais, «um testemunho desses movimentos», afirmando ainda que:

(...) Ao iniciar o terceiro milénio prevíamos, sem prejuízo dos modelos anteriormente utilizados e que tinham o seu público específico, desenvolver outros modelos de formação, dar continuidade a trabalhos de investigação, ao desenvolvimento de projetos criativos no âmbito de ações que articulassem a Arte e a Educação (Martins, 2014, Anexo I, p. 58).

Modelos de Formação

A estrutura apresentada pelo CAI para a formação de adultos e a preocupação com formação contínua, estão, segundo Natália Pais, relacionadas com a experiência desenvolvida nos cursos de Iniciação Musical da FCG, com ligação ao CIP e à experiência do Curso de Educação pela Arte. Formação que pretendia dar resposta a professores formados no campo das artes mas que não dominavam as questões de pedagogia, e vice-versa.

A coordenadora do CAI esclarece que a equipa do Centro procurava dar resposta a professores e educadores que, após a sua formação inicial, não se sentiam confortáveis para explorar o campo das áreas artísticas, e afirma: «A maior parte dos alunos do CAI vinha das Escolas Superiores de Educação para ganharem coragem para pôr em prática nas aulas os conhecimentos que tinham adquirido, porque achavam que era muito pouco, não se sentiam seguros» (Martins, 2014, Anexo I, p. 12). Elisa Marques refere, em entrevista, que a preparação dos professores passava muito pelas técnicas nas artes plásticas, sem trazer a obra de arte para a aprendizagem, acrescentando que essa situação se manteria até à primeira década do século XXI, sofrendo alterações mais recentemente. As situações de exceção que Elisa Marques ia encontrando estavam ligadas a professores que tinham frequentado o CAI (Martins, 2014, Anexo II, p. 42).

Elisa Marques salienta, ainda, que o modelo CAI era «extremamente interessante» pelo facto de interligar a formação de professores e de educadores de forma indiscriminada. A formação proporcionada pelo CAI estimulava os professores a aplicar os conhecimentos nas suas aulas e dava visibilidade a propostas diferentes desenvolvidas pontualmente. Além disso, conjugava várias modalidades anuais e outras menos formalizadas, mas motivantes (Martins, 2014, Anexo II, p. 63). Essa desformalização associada ao carácter experimental permitiu ao CAI dar às pessoas «a liberdade de poder interferir e fazer propostas e sugestões, e se as suas propostas

⁴⁵ Da equipa do IDE faziam parte: Natália Pais Diretora, João Pedro Fróis - Coordenador, Rui Mário Gonçalves – Consultor na área da História e Crítica da Arte, Deolinda Cerqueira – Consultora na área da História da Arte, Elisa Marques – Investigadora, Anabela Salgueiro – Investigadora, Antónia Grilo – Monitora, Júlio Marques – Monitor, Fernando Galrito – Consultor de imagem (Fróis, 1997).

tivessem qualidade deixá-las (...) ter ali um campo de experimentação» (Martins, 2014, Anexo I, p. 29). A estas palavras, Natália Pais acrescenta que «o CAI funcionava de “porta aberta” tanto em relação ao que podia dar como em relação ao que podia receber», respondendo às necessidades de um público variado, valorizando contribuições de colaboradores externos com competência nos diversos domínios, e criando programas que procuravam corresponder às expectativas de quem os contactava.

Cursos de Formação

O CAI promoveu cursos de formação de carácter específico e global para adultos, com duração de um ou dois anos. As atividades de formação envolveram cursos de monitores de Formação Artística, Ações de Formação, Sessões Complementares de Formação e Visitas ao CAI (FCG, 1995). Os Relatórios Anuais da FCG demonstram a valorização da partilha de experiências, apresentando o trabalho desenvolvido em seminários, encontros, congressos no âmbito da educação e da pedagogia das artes, promovidos por entidades nacionais e estrangeiras.

No que respeita à formação inicial, o CAI apoiava projetos de educadores e professores no seu local de trabalho, escolas, associações autarquias, ateliês ou ações formativas de fim-de-semana. Os Ateliês Experimentais permitiam concretizar propostas apresentadas por educadores e professores de diversas áreas e ainda não ensaiadas no Centro (FCG, 1990).

Os documentos produzidos em torno da formação eram orientados para o registo e para a divulgação das atividades e dos modelos pedagógicos seguidos. Verifica-se que muita documentação estava ligada a Escolas Superiores de Educação e a outras instituições que davam formação e que encaravam o CAI como um espaço importante a visitar durante os estágios, sendo o material organizado em função da procura diária e estando em permanente atualização. Numa fase mais avançada o CAI, sentiu a necessidade de organizar e publicar suportes documentais para apoio a educadores e professores. São disso exemplo os *Cadernos Pedagógicos* editados em 2001 e baseados na exposição *Da Galeria à Poesia* (Arruda, 2001).

Cursos para monitores

A escassa documentação a que tivemos acesso sobre os cursos para monitores limitou a nossa análise aos casos de que detemos algum conhecimento, pessoal ou documental, sobre objetivos, metodologias, conteúdos e formas de avaliação. São aqui apresentados somente aqueles relacionados com formação mais específica no campo das artes plásticas.

Os cursos que o CAI disponibilizou tiveram sempre a preocupação com uma aplicação de aprendizagens em contexto laboral, promovendo um acompanhamento e apoio constantes. Fomentavam a reflexão crítica em torno do trabalho desenvolvido e a abordagem à linguagem específica de cada área. A obra de arte foi ganhando um papel central ao longo do tempo, que se evidenciou total e expressamente na última exposição *Da Galeria à Poesia*, que refletia uma nova dinâmica entre os museus da FCG e o CAI.

No campo da formação específica, as atividades tiveram início, em 1985, com o Curso de Monitores de Iniciação Musical e o de Expressão Dramática, orientados respetivamente por Ana Ferrão e António Nóvoa (posteriormente substituído por António Mota). Passado um ano surgiu o Curso de Monitores de Expressão Plástica, orientado por Eurico Gonçalves. A estas três áreas, que se mantiveram até ao encerramento do Centro, juntaram-se a Expressão Poética e Narrativa em meados da década de 1990, seguido do Audiovisual e Multimédia. Em 2001, inauguraram-se o Curso IDE – Metodologia Primeiro Olhar e o Curso Integrado de Expressões Artísticas, ambos destinados a educadores, professores, animadores e técnicos de

museus. A par destas formações, os alunos podiam optar por cursos de formação de carácter global, disciplinas teóricas complementares⁴⁶ e cursos de curta duração (Martins, 2014, Anexo IV).

Os cursos de Monitores de Expressão Plástica, orientados por Eurico Gonçalves, decorriam semanalmente, com sessões teóricas e práticas. No segundo ano de curso, os alunos tinham prática pedagógica com grupos de crianças e participavam em visitas guiadas a exposições de arte promovidas pela FCG. Eurico Gonçalves explícita que os cursos proporcionavam «ao monitor o estudo em profundidade da expressão plástica da criança, numa perspectiva pedagógica e numa relação constante com a Arte» (Martins, s.d., p. 58).

Nas sessões teóricas, observava-se a evolução gráfico-plástica da criança. Estabeleciam-se, por vezes, analogias com aspetos das variadas tendências estéticas da Arte Moderna e da Arte Contemporânea. A História da Arte era abordada de forma complementar, auxiliando na compreensão das características dominantes das diferentes tendências estéticas. Por outro lado, nas sessões práticas, de ateliê os monitores tinham oportunidade de experimentar técnicas de estímulo à criatividade que lhes conferiam maior aptidão para compreender e respeitar a expressão livre e a criatividade da criança (Martins, s.d.).

No último ano de funcionamento do CAI, foram apresentados dois cursos que ampliavam as possibilidades de escolha no âmbito da formação oferecida: o Curso Metodologia Primeiro Olhar – Programa Integrado de Artes Visuais e o Curso Integrado para Animadores Pedagógicos e Educadores de Expressão Artística.

O primeiro, desenvolvido no âmbito do Programa Gulbenkian Investigação e Desenvolvimento Estético, tinha como principais destinatários os Educadores de Infância, Professores do Ensino Básico e Secundário, Técnicos de serviços educativos de museus, de autarquias, de bibliotecas, de ludotecas e Monitores de Tempos Livres. Os participantes exerciam trabalho direto com crianças, jovens ou adultos, ou estavam em serviços relacionados com a planificação de ações no âmbito da Arte e Educação (Gonçalves et al., 2001; Martins, 2014, Anexo IV, p. 90). O programa do curso integrou módulos de formação teórico-práticos. Foram, assim, promovidas atividades orientadas para a construção e desenvolvimento do programa nos diversos contextos e coordenadas leituras e pesquisas bibliográficas relacionadas com a Educação Estético-Visual ou outras que o grupo achasse pertinentes. A metodologia centrava-se no debate e na análise temática para a problematização e a aquisição de saberes, num diálogo constante com os formandos que procurava a integração de novos conhecimentos, a articulação entre a dimensão pessoal e profissional, e a relação entre os saberes teóricos e os saberes construídos na ação (Martins, 2014, Anexo IV).

No relatório de atividades do primeiro ano do Curso Metodologia Primeiro Olhar (2000/2001), reflete-se sobre a avaliação das várias modalidades e considera-se que tinham permitido uma problematização e uma reflexão acerca das conceções teóricas e práticas no campo da educação estético-visual. O trabalho desenvolvido pelos formandos nos seus locais de trabalho foi acompanhado da reflexão constante sobre a sua ação pedagógica, através da

⁴⁶ Curso de Psicopedagogia da Expressão Artística (1986-1993), orientado por Arquimedes da Silva Santos; Psicologia do Desenvolvimento e Pedagogia Criativa (1990-2001), orientado por Natália Pais; Kênia Rocha orientou Artes Integradas (1993-1997); Zaza Carneiro de Moura coordenou Diálogo Criativo (Filosofia para Crianças) (1996-2001); Helena Carqueijeiro coordenou Espaço e Criatividade (1998-2001); enquanto Metodologias da Investigação na Prática da Pedagogia Criativa (1998-2001), Psicopedagogia da Expressão Artística I e II (1998-2000) estiveram a cargo de Elisa Marques (Martins, 2014, p.83).

recolha de dados sobre a relação que as crianças ou adultos tinham com a obra de arte e o modo como interligavam o diálogo em torno da arte, a observação dos objetos artísticos e o fazer plástico (Marques, 2001).

O curso repetir-se-ia em 2001/2002, como incentivo à prática da inovação e da investigação educacional no domínio das Artes Visuais, através da aquisição de competências na área específica do desenvolvimento curricular. O sistema de avaliação deste curso foi mais longe do que aqueles que até aí eram pedidos no CAI. Aos formandos, era agora pedida a produção de instrumentos de programação e de avaliação no âmbito do processo de investigação-ação, um relatório sobre a investigação-ação, uma ficha de recolha de dados sobre uma obra de arte e um artigo visando a publicação numa revista da especialidade (Martins, 2014, Anexo IV). O Curso Integrado para Animadores Pedagógicos e Educadores de Expressão Artística foi lançado no último ano de funcionamento do CAI e fazia parte de um programa integrado de atividades educativas no âmbito da Educação Estética e da Pedagogia das Artes. O público-alvo era semelhante ao dos cursos anteriores, embora a abordagem desta formação fosse de carácter globalizante, no sentido de permitir «abordagens transversais da arte nas outras disciplinas do Ensino Básico (língua, história, ciências, matemática,...)» (Martins, 2014, Anexo IV). Envolveria aulas teóricas, práticas, visitas guiadas ao Museu Gulbenkian, ao CAM/JAP e a exposições temporárias, bem como *workshops* de fim-de-semana.

Este último curso caracterizou-se pela integração de vários domínios de expressão artística, em que a expressão visuo-plástica, a educação estética e o desenvolvimento das capacidades críticas e criativas foram contemplados de forma mais significativa. O curso permitia abordagens teórico-práticas nos domínios da História da Arte, no contexto das coleções do Museu Gulbenkian e do CAM/JAP, da Arte Moderna, da Educação Visuo-Plástica, da Pedagogia das Artes-Dinâmicas Educativas, do Diálogo Filosófico (da vivência ao pensamento criativo), das Dinâmicas Criativas (Interação Sujeito/Espaço/Objeto), da Expressão Poética e Narrativa em Arte. Incluíam-se, ainda, as Linguagens de Expressão Artística Corporal, Musical, Dramática e Mediática e Tecnológica e, como disciplina complementar, a Psicologia do Desenvolvimento e Pedagogia Criativa.

Conclusão

O estudo desenvolvido, que abreviadamente apresentamos neste artigo, revelou que o contributo do Centro Artístico Infantil para a Educação Artística ultrapassou em muito as portas da sua sede na Fundação Calouste Gulbenkian.

O CAI teve, na sua origem, as iniciativas promovidas pela FCG, essencialmente as do Serviço de Música e do Centro de Investigação Pedagógica, no Curso de Formação de Monitores, cuja experiência e ideias foram levadas por Madalena Perdigão para o CAI, contando com o apoio de Natália Pais. O facto de ter surgido inserido no ACARTE conduziu a uma vivência dinâmica ligada às manifestações artísticas promovidas por esse serviço, num contato direto com manifestações artísticas diversas.

O CAI surgiu sob a influência dos estudos e intervenções no campo da Educação pela Arte, estando recetivo a propostas trazidas do exterior no âmbito da Arte/Educação e da Educação Estética e Artística.

O CAI foi, sem dúvida, um espaço aberto a troca de experiências e recetivo a propostas educativas vindas do exterior, apoiando, acompanhando e avaliando professores e educadores em inúmeras áreas. Alunos das Escolas Superiores de Educação procuravam o Centro para

pôr em prática as aprendizagens adquiridas nas ESE, onde até muito tarde se privilegiou a técnica em detrimento da discussão de conceitos e de metodologias de ensino das Artes Visuais.

As suas ações contemplaram a ludicidade, realizaram-se exposições e atividades sensibilizadoras da importância da dimensão lúdica da educação, abrindo o seu espaço como ludoteca de verão. Organizou-se, igualmente, uma enorme variedade de animações para crianças e adultos, asseguradas não só por profissionais mas também por grupos de alunos dos cursos de monitores.

Os ateliês para crianças, de carácter global, específico e de curta duração, abriram-se à participação ativa dos pais. Exemplo disso são os Encontros de Pais – ações geradoras de espaços de reflexão sobre assuntos relacionados com a educação dos filhos.

As suas exposições itinerantes por todo o país foram verdadeiras «escolas ambulantes» divulgando metodologias de trabalho e permitindo a futuros educadores e professores um espaço de experimentação em intervenção artística e cultural. Era também dado apoio aos professores que visitavam estas exposições em contexto escolar.

Os cursos de formação de monitores conjugavam, por sua vez, pessoas das várias áreas artísticas e da educação, promovendo uma troca enriquecedora e desbloqueadora de inibições em relação ao campo das artes e da pedagogia. O CAI era, pois, um espaço de experimentação para aqueles que frequentavam os cursos de monitores, intervindo e aplicando os conhecimentos adquiridos previamente à sua utilização no local de trabalho.

O Centro deu sempre importância à aprendizagem das linguagens próprias de cada expressão artística, em atividades de carácter globalizante ou mais específico, ligado a outras disciplinas ou tendo como ponto de partida a obra de Arte.

No CAI houve espaço para uma coabitação de paradigmas que, sem rutura com o movimento inicial, facilitou uma «construção orgânica» e a adaptação do programa do Centro ao longo dos anos. Os modelos seguidos em arte e educação foram no sentido da educação pela arte, educação estética, arte/educação, e educação estética e artística, esta última surgindo já no final com forte influência do IDE (Programa Gulbenkian Investigação e Desenvolvimento Estético).

A dinâmica criada pelo CAI não contagiou os outros serviços educativos da Fundação, embora tivesse havido pontualmente momentos de contacto, essencialmente nos últimos anos, devido à sua integração no CAM/JAP associada à influência do Primeiro Olhar.

Os dois últimos cursos apresentados pelo Centro revelam abordagens diferentes. O primeiro, denominado Curso Integrado para Animadores de Expressões Artísticas, propunha uma abordagem de carácter globalizante integrando vários domínios de expressão artística, proporcionando a transversalidade da arte nas outras disciplinas do Ensino Básico. O segundo, Curso Metodologia Primeiro Olhar – Programa Integrado de Artes Visuais, mais focalizado, apontava propostas no campo da investigação educacional no domínio das Artes Visuais.

Podemos afirmar que ao longo de dezoito anos de funcionamento o CAI contribuiu para a introdução das linguagens artísticas e do contacto com a Arte nos diferentes graus de ensino, tanto no ensino geral como no especializado, promovendo ainda uma reflexão sobre boas práticas em Arte e Educação.

Dada a dimensão que o CAI teve na educação artística em Portugal, consideramos o nosso estudo um ponto de partida para futuras investigações, que aprofundem o conhecimento sobre esta «verdadeira escola sem paredes», e um contributo para a nossa memória e história da educação artística.

Referências Bibliográficas

- Acaso, M. (2009). *La educación artística no son manualidades*. Madrid: Catarata.
- Agirre, I. (2005). *Teorías y prácticas en educación artística*. Barcelona: Octaedro/Eub.
- Arruda, N. (2001,). *Cadernos de Educação Estética. Jornal CAI 18*, s.p.
- Barbosa, A. M. (1989). Arte-Educação no Brasil. *Estudos Avançados 3 (7)*, 170-182. Consultado a 3 de Janeiro de 2014, em <http://scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a10.pdf>
- Ferrão, M. T., Pestana, M. J. C. & Santos, F. (1999, julho/agosto/setembro). Entrevista a Natália Pais. *Cadernos de Educação de Infância 51*, 4-13. Lisboa: Associação dos Profissionais de Educação de Infância.
- Ferraz, H. & Silva, L. (2000). Equipas de Intervenção Artística. *Noesis 53*. Consultado a 5 de Abril de 2014, em <http://area.dgicd.min-edu.pt/innovbasic/edicoes/noe/noe53/dossier4.htm#voltar>
- Fróis, J. P. (Org.). (1997). *Relatório do Curso de Verão North Texas Institute for Educators on the Visual Arts- School of Visual Arts University of North Texas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian [Texto policopiado].
- Fróis, J. P. O. F. (2005). *As Artes Visuais na Educação Perspectiva Histórica* (Tese de Doutoramento em Ciências da Educação não publicada). Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa.
- Fundação Calouste Gulbenkian (FCG). (1985-2002) *Relatório Anual*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Centro Artístico Infantil. (2001). *Da Galeria à Poesia - Cadernos Pedagógicos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Artístico Infantil.
- Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna. (1985). *Primeira Exposição-Diálogo sobre a Arte Contemporânea na Europa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna.
- Gomes, C. A. (2003). Maria Madalena Azeredo Perdigão. In António Nóvoa (Dir.), *Dicionário de Educadores Portugueses* (pp.1065-1067). Porto: Edições Asa.
- Gonçalves, R. M., Fróis, J. P. & Marques, E. (2000). *A educação estética e artística na formação ao longo da vida*. In Fróis, J. P. (Coord.), *Educação Estética e Artística: abordagens transdisciplinares* (pp. 201-243). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas.
- Marques, E. (2001). Relatório de Actividades do Curso «Metodologias do Primeiro Olhar»- Programa Integrado de Artes Visuais Ano Lectivo de 2000/2001. *Jornal CAI 21*, s.p..

- Martins, D.A.P. (2014). *Centro Artístico Infantil da Fundação Calouste Gulbenkian Contributo para a Educação Artística em Portugal* [Dissertação de Mestrado]. Escola Superior de Educação de Lisboa/Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa). Consultada em <http://repositorio.ipl.pt>
- Martins, J. V. de P. (Dir.). (s.d.). *Percursos do Centro Artístico Infantil: 1984-1994*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação.
- Martin, L. (1986). *Ideias e Edifícios, 193-86: Atelier de Leslie Martin e seus associados*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Exposições e Museografia.
- Pais, N. (1992). O Centro Artístico Infantil. In *ACARTE & Fundação Calouste Gulbenkian* (pp.119-124). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pais, N. (1997). Editorial. *Jornal CAI 5*, s.p..
- Pais, N. & Correia, L. (Coord.) (1996). *Educação, Arte e Cultura: 40 anos da Fundação Calouste Gulbenkian no Desenvolvimento Estético Infanto-Juvenil*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço da Educação.
- Santos, A. S. (2000). Breve retrospectiva do movimento da educação pela arte em Portugal. In Escola Superior de Dança (Coord.), *Educação pela Arte: Estudos em homenagem ao Dr. Arquimedes da Silva Santos* (pp. 59-73). Lisboa: Livros Horizonte.